



BOLETIM

# Apamvet

ISSN 2179-7110 • VOLUME 8 • Nº 1 • 2017

VETERINÁRIO  
PAULISTA ELEITO  
PRESIDENTE  
DA ACADEMIA  
BRASILEIRA  
DE MEDICINA  
VETERINÁRIA

PERFIL DOS  
TUTORES DE PW ETS

ASSOCIAÇÃO  
CETAMINA X  
XILAZINA

COMPARTIMENTAÇÃO



PUBLICAÇÃO  
CELEBRA  
45 ANOS DE  
ATIVIDADES  
DO CONSELHO  
FEDERAL  
DE MEDICINA  
VETERINÁRIA



APOIO

## SUMÁRIO

<b>3</b>	<b>EDITORIAL</b>
<b>4</b>	<b>LIVRO VIRTUOSA MISSÃO</b>
<b>4</b>	<b>CARTAS A REDAÇÃO</b>
<b>5</b>	<b>PUBLICAÇÕES RECEBIDAS</b>
<b>8</b>	<b>CLIPPING DE NOTÍCIAS</b>
<b>11</b>	<b>ENSINO</b> Ensino da Medicina Veterinária e Educação Superior O que fazer após a graduação em Medicina Veterinária
<b>13</b>	<b>HOMENAGEM</b> Dr. Sebastião Costa Guedes – presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária
<b>15</b>	<b>CLÍNICA</b> Perfil dos tutores de pets e sua percepção sobre o Médico-Veterinário Associação cetamina e xilazina
<b>21</b>	<b>SAUDE ANIMAL</b> Compartimentação
<b>23</b>	<b>DE OLHO NA GRAMÁTICA</b>



Publicação comemora 45 anos de atividades do Conselho Federal de Medicina Veterinária

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Boletim APAMVET / Academia Paulista de Medicina Veterinária.  
-- n.1, (2010) --. - São Paulo: APAMVET, 2010-  
v. il.; 21 cm.

Quadrimestral  
ISSN 2179-7110  
Endereço online: www.apamvet.com  
1. Medicina Veterinária – história. 2. Clínica veterinária.  
3. Produção animal. 4. Meio Ambiente

CDD 636098

\* Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.944, de 14 de dezembro de 2004\*  
Ficha catalográfica elaborada de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR 2), pela Biblioteca Virginie Buff D'Ápice Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

## PATRONOS E ACADÊMICOS DA APAMVET

- 1ª Cadeira Patrono René Straunard –  
Acadêmico Alexandre Jacques Louis Develey
- 2ª Cadeira Patrono Adolpho Martins Penha –  
Acadêmico Vicente do Amaral
- 3ª Cadeira Patrono Leovigildo Pacheco Jordão –  
Acadêmica Arani Nanci Bomfim Mariana
- 4ª Cadeira Patrono Paschoal Mucciolo –  
Acadêmico José César Panetta
- 5ª Cadeira Patrono Ernesto Antônio Matera –  
Acadêmico Eduardo Harry Birgel
- 6ª Cadeira Patrono - Mário D'Ápice –  
Acadêmico Aramis Augusto Pinto  
1º Acadêmico - † Waldyr Giorgi
- 7ª Cadeira Patrono José de Fatis Tabarelli Netto –  
Acadêmico Armen Thomassian –  
1º Acadêmico - † Raphael Valentino Riccetti
- 8ª Cadeira Patrono Armando Chieffi –  
Vaga  
1º Acadêmico - † Renato Campanarut Barnabé
- 9ª Cadeira Patrono Orlando Marques de Paiva –  
Acadêmico Carlos Eduardo Larsson
- 10ª Cadeira Patrono Oswaldo Domingues Soldado –  
Acadêmico Olympio Geraldo Gomes
- 11ª Cadeira Patrono João Barisson Villares –  
Acadêmico Flávio Prada
- 12ª Cadeira Patrono René Corrêa –  
Vaga  
1º Acadêmico - † Hélio Emerson Belluomini
- 13ª Cadeira Patrono Eulydes Onofre Martins –  
Acadêmico Manuel Alberto da Silva Castro Portugal
- 14ª Cadeira Patrono Ângelo Vincenzo Stopiglia –  
Acadêmico Benedito Wladimir de Martin
- 15ª Cadeira Patrono Adayr Mafuz Saliba –  
Acadêmico Paulo Magalhães Bressan
- 16ª Cadeira Patrono Emílio Varoli  
Acadêmica Hannelore Fuchs
- 17ª Cadeira Patrono Sebastião Nicolau Piratininga –  
Acadêmico José Luiz D'Angelino
- 18ª Cadeira Patrono Moacyr Rossi Nilsson –  
Acadêmico Mário Nakano
- 19ª Cadeira Patrono Dinoberto Chacon de Freitas –  
Acadêmico Angelo João Stopiglia  
1º Acadêmico - † Feres Saliba
- 20ª Cadeira Patrono Sebastião Timo Iaria –  
Acadêmico Luiz Braz Siqueira do Amaral
- 21ª Cadeira Patrono Uriel Franco Rocha –  
Acadêmica Irvênia Luiza de Santis Prada
- 22ª Cadeira Patrono Geraldo José Rodrigues Alckmin –  
Acadêmico Hélio Ladislau Stempniewski
- 23ª Cadeira Patrono Romeu Diniz Lamounier –  
Acadêmico Waldir Gandolfi
- 24ª Cadeira Patrono João Soares Veiga –  
Acadêmico Kenji Iryo
- 25ª Cadeira Patrono Quineu Corrêa –  
Acadêmico Zohair Salim Sayegh  
1º Acadêmico - † Laerte Sílvio Traldi
- 26ª Cadeira Patrono Décio de Mello Malheiros –  
Acadêmica Mitika Kuribayashi Hagiwara
- 27ª Cadeira Patrono Paulo de Castro Bueno -  
Vaga  
1º Acadêmico - † Luiz Klingler dos Santos
- 28ª Cadeira Patrono Carlos de Almeida Santa Rosa -  
Vaga  
1º Acadêmico - † Rufino Antunes Alencar Filho
- 29ª Cadeira Patrono Plínio Pinto e Silva –  
Acadêmico Vicente Borelli
- 30ª Cadeira Patrono Raphael Valentino Riccetti -  
Acadêmico José de Angelis Côrtes

## BOLETIM DA ACADEMIA PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA

<b>Editoria</b>	Apamvet
<b>Comitê Editorial</b>	Eduardo Harry Birgel Alexandre J. L. Develey José Cezar Panetta Arani Nanci Bomfim Mariana Waldir Gandolfi
<b>Redatores</b>	Acadêmicos da APAMVET
<b>Jornalista responsável</b>	Regina Lúcia Pimenta de Castro M. S. 5070
<b>Diagramação</b>	Robson Santos   Tikinêd Edição Ltda Rua Santanésia, 528, Cj. 31, 1. andar CEP: 05580-055 – São Paulo (SP)
<b>Impressão</b>	Esdeva Indústria Gráfica Ltda Avenida Brasil, 1405, Paço Rico – CEP: 36020-110 – Juiz de Fora (MG)
<b>Tiragem</b>	32.000 exemplares
<b>Apoio</b>	Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo – CRMV-SP
<b>Redação</b>	Academia Paulista de Medicina Veterinária Junto a SPMV Av. da Liberdade, 834/3º andar – Liberdade 01502-001 – São Paulo, SP Fone 11 3209 9747 • Fax 3207 4505 apamvet@gmail.com www.apamvet.com
<b>Distribuição gratuita</b>	APAMVET Boletim é publicação oficial da Academia Paulista de Medicina Veterinária, dirigida aos médicos veterinários do Estado São Paulo, cujo objetivo é o de informar sobre todas as áreas de especialização. Os trabalhos, comunicados, cartas, comentários, relato de caso e demais matérias para publicação deverão ser enviados para o e-mail spmv@spmv.org.br aos cuidados da Apamvet.

## Normatização dos cursos para formandos e recém-formados na medicina veterinária

**F**oram necessárias duas notícias fora dos padrões, aceitas no momento, no que concerne ao ensino da medicina veterinária no campo das mídias sociais para que a nossa classe e associações de veterinários tomassem posição mais contundente sobre o assunto em tela, quer criticando severamente os introdutores desses novos conceitos, quer fazendo críticas aos órgãos responsáveis pela aprovação de tais cursos, bem como àqueles de vigilância profissional.

Refiro-me à notícia de um curso em São Paulo, anunciando “*veterinária em seis meses*”, com visitas técnicas, parte prática sob supervisão de médico-veterinário. A outra informava que, em Santa Catarina, iria iniciar um curso de medicina veterinária em ensino a distância (EAD), com aprovação do MEC. Sem dúvida alguma é sempre salutar que uma classe profissional, que cresceu vertiginosamente nas últimas três décadas, acompanhe, atentamente, os desdobramentos advindos desse fato.

A Apamvet irá procurar, em artigos no seu boletim, e mostrar, na opinião dos redatores, que a falta de normatização é que par e passo tem sido levada a profissão a esse estado atual. A utilização inadequada para o nome de palestrantes dos mais diversos cursos, ministrados nos mais diversos locais, com diferentes denominações, a crescente criação de institutos, centros, empresas, entre outros, que tomam para si a responsabilidade do ensino dito, de forma ampla, de pós-graduação, a não normatização de quem organiza, quem ministra, que confere certificado, quem emite titulação, tem levado a uma perda de parâmetros de julgamento.

Claro, desde já, que não é uma crítica aos empreendedores e palestrantes que procuram melhorar a qualidade de novos médicos-veterinários formados em grande número atualmente. Mas, não estabelecendo normas e regras daquilo que vem sendo oferecido ao “mercado” do ensino médico-veterinário, as notícias aludidas, logo não suscitarão mais indignação. 🍷

Prof. Dr. Eduardo Harry Birgel CRMV-SP 0018  
Prof. Dr. Angelo João Stopiglia CRMV-SP 1.589

## LIVRO VIRTUOSA MISSÃO

O sucesso de *VIRTUOSA MISSÃO* foi tal que a edição de 2 mil exemplares está esgotada. A Comissão Editorial fez algumas correções que foram apontadas numa criteriosa revisão, e uma reimpressão será disponibilizada em breve. A Apamvet continua recebendo manifestações e elogios a respeito do lançamento do livro *VIRTUOSA MISSÃO*:

Agradeço esse presente, uma preciosidade. Todo(a) graduando(a) em medicina veterinária, médico(as) veterinário(as) deveria(m) conhecer a história de nossa paixão. Que honra receber esse exemplar.

Dr. Gelson Genaro – Ribeirão Preto

E mais uma mensagem recebida há algum tempo:

Escrevo-lhe para agradecer o belo presente que recebi aqui na faculdade faz alguns dias: *Virtuosa missão: a história da MV no estado de São Paulo!* Sem dúvida uma publicação sensacional, fotos incríveis e texto primoroso! Muito obrigado mesmo por receber esse incrível relato de nossa profissão, mostrando a dedicação de pioneiros e o seu legado para os nossos dias! Adoro história, fotos e fatos históricos de nossa profissão! Fique com Deus! Um forte e fraterno abraço!  
Prof. Dr. Antônio José de Araújo Aguiar – Professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Unesp – Campus de Botucatu

## BOLETIM

### Interzoo

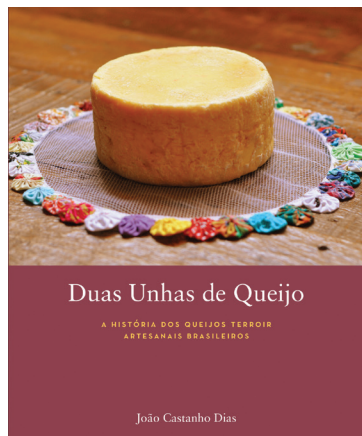
O artigo ficou ótimo!! Bem diagramado, bela matéria.

Muito obrigada por seu apoio e ajuda!

Cassia Rabelo Cardoso dos Santos – Cãocidadão

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O **Boletim Apamvet** instituiu uma nova seção para apresentar às **revistas e livros** o que a Academia Paulista de Medicina Veterinária recebe de seus acadêmicos, das associações e entidades de classe, de ensino ou de pesquisa, como também de revistas por eles editadas. O primeiro destaque foi dado ao lançamento do livro sobre história do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro; o segundo destaque é o volume inicial do quinto ano de vida da revista **Animal Business Brasil** – edição de responsabilidade do Confrade da Sociedade Nacional de Agricultura (Abramvet) **Luiz Octávio Pires Leal**.



Neste fascículo do Boletim Apamvet, cabe-nos destacar o lançamento do livro ***Duas unhas de queijo – A história dos queijos Terroir artesanais brasileiros*** da editora Barleus. [*Duas unhas de queijo, primitivamente, definiam o tamanho do pedaço de queijo que cada marujo recebia em sua refeição matinal, segundo o relato de Manoel Rangel, cuja caravela naufragou em 22 de agosto de 1555, a caminho das índias.*]. O autor dessa obra é o jornalista, especialista em assuntos regionais e rurais de nosso País, **João Castanho Dias**. O autor é natural de Santa Cruz do Rio Pardo/SP, bacharel em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco [nº 95], mas que no encaminhamento de sua vida profissional optou pelo jornalismo, na área específica do agronegócio. No exercício de suas atividades jornalísticas, foi responsável por inúmeras reportagens no Brasil e no exterior. Além do mais, como *publisher* da editora Barleus, publicou 11 livros de história sobre temas e assuntos rurais, da vida nos campos de nossa terra – seus hábitos e costumes. Ressalte-se que, recentemente, com grande repercussão, foi lançado o livro ***Virtuosa Missão***, de sua autoria, com a participativa colaboração da Apamvet: uma reminiscência da história da medicina veterinária no Brasil, com destaque primordial às ações e atividades no estado de São Paulo. Para a elaboração da presente obra, o ilustre escritor João Castanho Dias percorreu, durante dois anos, grande extensão do território brasileiro – desde a Ilha do Marajó até a Serra Gaúcha! Os queijos artesanais de leite cru originados em negócios familiares com receitas passadas de geração em geração em determinadas regiões do País foram os temas para a redação do texto, mas não se trata de manual técnico sobre como fazer queijo ou livro gastronômico com notas sensoriais,



A diretoria da Apamvet prestigiou a noite de autógrafos de "Duas unhas de queijo".

mas de um compêndio de interessantes histórias das famílias que estão por trás das queijarias e em torno de vários queijos tradicionais. É uma iniciativa inédita para o Brasil e foi patrocinada pela empresa Globalfood, por intermédio da Lei Rouanet do Ministério da Cultura.



Os capítulos da obra caracterizam os diferentes tipos de queijos artesanais produzidos em diferentes regiões do Brasil: na **Serra do Salitre/MG**; **Serra da Canastra/MG**; **Serra da Ventania/Araxá – MG**; **Queijo do Marajó/PA**; **Serra da Mantiqueira/SP, RJ e MG**; **Região do Serro/MG**,

na Serra do Espinhaço; **Planalto Catarinense – Herança dos Açores**; e **Campo de Cima da Serra/RS**, abrangendo os municípios de Caxias do Sul, São José dos Ausentes, Jaquirana, São Francisco de Paula e Cambará do Sul. Vale a pena ler e se informar a respeito dos queijos brasileiros! 🌿

A APAMVET E O GRUPO GEN OFERECEM OS MELHORES CONTEÚDOS COM UM **DESCONTO ESPECIAL!**



# 15%

DE DESCONTO EM TODO O **CATÁLOGO** IMPRESSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.  
www.grupogen.com.br/saude/medicina-veterinaria

Use o código de cupom

APAMVET

até o dia 22/5/2017





APAMVET recebeu do grupo Gen Editorial a comunicação da publicação do livro "Obstetrícia Veterinária" e do próximo lançamento dos livros "Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária" e "Fisiologia dos Animais Domésticos".

O grupo Gen Editorial oferecerá um desconto de 15% na compra dessas obras se forem solicitadas através da Apamvet. Basta enviar uma mensagem para o grupo editorial, que ele entrará em contato com o médico-veterinário comprador interessado.

Certos de que esta poderá ser uma grande

oportunidade de estreitarmos nossos relacionamentos, ficamos no aguardo de um breve retorno.

<http://www.grupogen.com.br/saude/medicina-veterinaria> 🌿

**PUBLICAÇÕES RECEBIDAS**

20  
15

RELATÓRIO ANUAL

ANNUAL REPORT

FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO



Casa nova, cara nova  
New house, new look

Do entretenimento  
à conservação  
From entertainment to conservation

Aconteceu no Zoo  
It happened at the Zoo



A Apamvet recebeu o precioso relatório anual da Fundação Parque Zoológico de São Paulo. Recebeu ainda três números do Informativo "Ciência no Zoo", em que destacamos, no número 6, de maio de 2016, uma matéria de alto interesse: "Tumores de animais silvestres podem contribuir para o conhecimento da doença em humanos". Mas o maior interesse consiste na cooperação com o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo (CRMV/SP) para facultar aos clínicos médicos veterinários um intercâmbio, como o banco de tumores e o sequenciamento genético do paciente.



# 45 anos de Conselho Federal de Medicina Veterinária – Sistema CFMV/CRMVs

Em julho de 2016, alguns veterinários foram surpreendidos com o recebimento de Ofício da Presidência do CFMV, acompanhado de belíssimo exemplar da publicação que comemorava os 45 anos de atividades do Conselho. Na publicação, o CFMV parabeniza os homenageados pelo brilhante trabalho realizado com paixão e entusiasmo e que contribuiu para a evolução da medicina veterinária, sendo um exemplo para os futuros profissionais e ajudando a escrever a história da mencionada profissão e do Sistema CFMV/CRMVs.

No momento da publicação desta edição, o Conselho é magistralmente gerido pelo médico-veterinário Benedito Fortes de Arruda, capitaneando uma plêiade de colegas entusiasmados e competentes e suas funções: os médicos-veterinários Eduardo Luiz Silva Costa; Antônio Felipe Paulino de Figueiredo Wouk e Amilson Pereira Said. A publicação é dedicada à classe veterinária brasileira: *“médicos-veterinários e zootecnistas vão muito além de profissionais que lidam diariamente com os animais. O trabalho desses profissionais está presente no dia a dia de todos os cidadãos do mundo, da comida que eles consomem, passando por doenças que os acometem e indo até a segurança das nações. A estes profissionais o Sistema CFMV/CRMVs é dedicada esta publicação”*.

Não se poderia esquecer aqueles que ajudaram a construção do Conselho Federal. A primeira menção é feita ao Sadi Coube Bogado, deputado federal pelo Rio de Janeiro, responsável pela apresentação e promulgação das leis nº 5.517/68 e Decreto nº 64.704/1969 – responsáveis pela regulamentação de nossa profissão. Evidentemente, o deputado era assessorado e estimulado por seu irmão, médico-veterinário Sérgio Coube Bogado. Além do mais, no final da década de 1950 e durante quase toda a década de 1960, a classe veterinária, num sentimento uníssimo, trabalhava – até poderíamos dizer, batalhávamos, para tornar a medicina veterinária uma profissão regulamentada por legislação específica.

Em São Paulo, foi edificante a atividade da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária/SPMV – *cellula mater* da medicina veterinária e de seus baluartes médicos-veterinários Ernesto

Antonio Matera e Oswaldo Domingues Soldado.

O livro transcorre numa edição e diagramação de excelente qualidade, disponibilizando excelente iconografia para ilustrar texto esmerado, de modo a conquistar rapidamente seus leitores.

## Os notáveis da medicina veterinária brasileira

Uma profissão não é só criada por suas instituições, mas, principalmente, pelos homens que as constituem. Por tal razão, é justo que sejam realçados alguns daqueles que fizeram época e auxiliaram a evolução das ciências veterinárias. Para tanto, transcrevemos o preâmbulo desse capítulo *ipsis litteris*:

*“Estas páginas são dedicadas aos médicos-veterinários e zootecnistas do Brasil, a todos aqueles que, de Norte a Sul, ao longo do tempo, vêm se dedicando com paixão e entusiasmo ao exercício da profissão. Como é impossível homenagear um a um todos aqueles que contribuíram para a evolução da medicina veterinária e da zootecnia no País, o Conselho Federal de Medicina Veterinária destaca aqui 45 personalidades, cujo trabalho foi fundamental para formalizar, difundir e desenvolver as práticas no País. Seja adaptando técnicas da medicina humana para a medicina animal, realizando pesquisas, fomentando a inspeção de alimentos ou atuando politicamente frente aos poderes públicos, o empenho desses profissionais faz parte não só da história dos 45 anos do CFMV, mas também da história do Brasil”*.

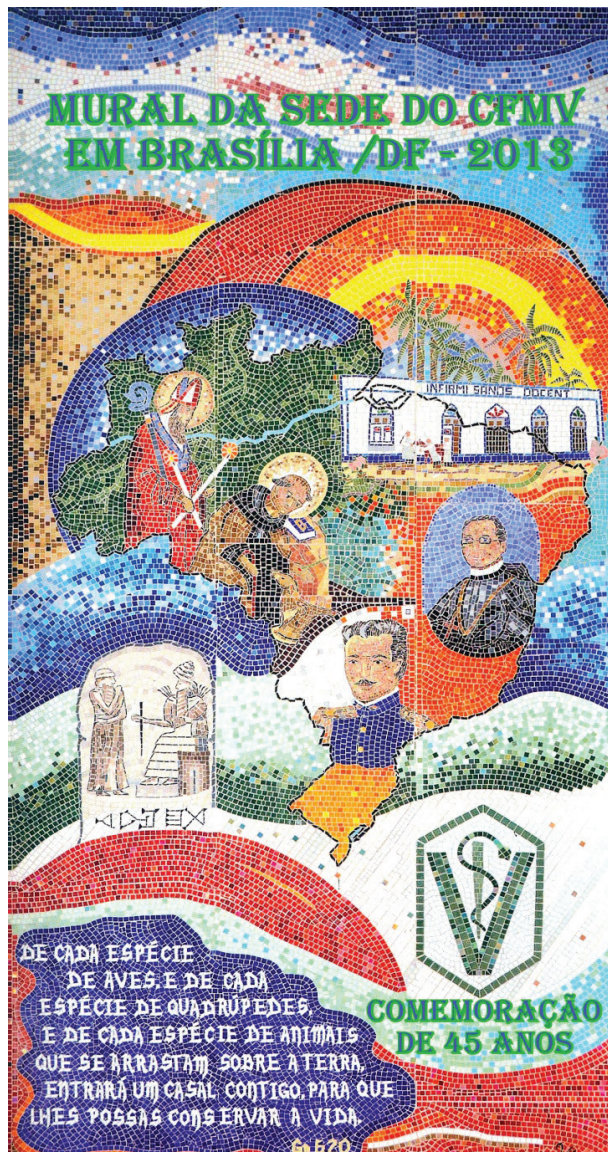
## Um valioso detalhe!

O livro destaca no seu Capítulo V, “45 histórias de médicos veterinários e zootecnistas”, alguns profissionais notáveis das ciências veterinárias. Entre eles, estão oito veterinários do estado de São Paulo: três profissionais (Antonio Teixeira Vianna, Flávio Massone e Virginie Buff D’Ápice); três patronos (João Barisson Villares, Oswaldo Domingues Soldado e Paschoal Mucciolo) e dois acadêmicos da Apamvet (Eduardo Harry Birgel e Mitika Kuribayashi Hagiwara).



## Mural na entrada da sede do CFMV

Um detalhe chama a atenção de quem, com critério, folheia o livro e lê com atenção as passagens que vão aparecendo e por sua apresentação inusitada nos fazem meditar. Isso ocorre na visualização da figura apresentada no Capítulo IV: a figura do mural, de 12 m<sup>2</sup>, reveste uma parede do saguão de entrada do edifício-sede do CFMV, em Brasília/DF. A bela imagem nos faz pensar nos primeiros cursos de medicina veterinária do Brasil. A Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São Bento, de Olinda/PE, implantada em 1º de fevereiro de 1914, sendo o abade D. Pedro Roeser seu fundador e primeiro diretor. A escola era dotada de um hospital para animais, com um estábulo contíguo para servir de posto de isolamento. Seguramente, este foi o primeiro hospital veterinário (com farmácia



veterinária, laboratório químico e sala de operações) referido em nossa história; em relatório do ano de 1916, já referia a internação e tratamento de cerca de 200 bovinos.

## INFIRMI SANUS DOCENT

O mural é uma obra da artista **Véra Oliveira** e foi denominada “*infirmi sanus docent*”, dizeres em latim que adornavam o frontispício do prédio da Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São Bento de Olinda/PE. A expressão latina significa “*os enfermos ensinam os sãos*”.

O mosaico é feito de pastilhas de vidro e porcelana sobre tecido de fibra de vidro e afixado em placas cimentícias (cimento reforçado com fio sintético). Possui aproximadamente 12 m<sup>2</sup>, tornando-se peça imponente da decoração da sede do CFMV. Além de objeto decorativo, o painel tem um grande caráter didático: é uma aula sobre a história da medicina veterinária no Brasil e a teoria da cor.

Observando-se os detalhes da peça, nota-se:

- Influências da antiguidade, quando a medicina veterinária, ainda empírica, era a arte de curar animais ainda na época da Babilônia;
- Representação da Escola Agrícola e Veterinária do Mosteiro de São Bento de Olinda/PE, bem como o seu fundador D. Pedro Roeser, um grande incentivador da agricultura e da medicina veterinária na região Nordeste;
- Semblante do Coronel João Muniz Barreto de Aragão, o patrono da medicina veterinária do Exército;
- Santo Egídio e São Brás, santos conhecidos como padroeiros dos médicos veterinários;
- Símbolo da medicina veterinária;
- Finalizando, na parte inferior da peça, lê-se o seguinte trecho do Livro de Gênesis, da Bíblia Sagrada:

“De cada espécie de aves, e de cada espécie de quadrúpedes, e de cada espécie de animais que se arrasta sobre a Terra, entrará um casal contigo para que lhes possa conservar a vida.”

# Pneu foi criado por veterinário há 70 anos

Diego Ortiz/diego.ortiz@estadao.com

O Estado de São Paulo/Jornal do Carro-24/08/2016-p.6 D

## John Dunlop trocou madeira de roda do triciclo do filho por borracha

Várias invenções e descobertas importantes são obra do acaso. A história da criação do pneu também é fruto dessas ironias do destino. Tudo começou quando o cirurgião veterinário escocês **John Boyd Dunlop**, cansado de ver o filho machucado devido às constantes quedas de um triciclo, lançou mão de suas habilidades com peças de borracha (que ele usava para imobilizar animais) e colocou um tubo de látex grosso e inflado com ar no lugar da roda dianteira (as duas eram de madeira) do brinquedo. Isso foi em outubro de 1888.

Dois anos depois, **Willie Hume** ganhou a principal prova de ciclismo da Irlanda usando uma *bike* com pneus de borracha feitos por Dunlop. Isso chamou a atenção de **Harvey Du Cros**, presidente da associação local de ciclistas, que rapidamente comprou os direitos da patente do inventor.

A história ganhou novo impulso com a descoberta, também por acaso, do **processo de vulcanização** atribuído ao norte-americano **Charles Goodyear**, por volta de 1830. As peças, que até então não passavam de rolos de borracha inflados, se transformaram em pneus diagonais, amplamente utilizados a partir de 1898. Entre os pontos negativos estavam a dureza excessiva e as baixas durabilidade e resistência.



A calibragem é o principal cuidado a ser tomado pelo motorista

O mercado carecia de pneus que lidassem melhor com os buracos e imperfeições das ruas e suportassem cargas mais severas. Um novo salto ocorreu em 1946 com o pneu radial, criado pela **Michelin**. Como a marca francesa havia comprado a conterrânea Citroën em 1934, rapidamente passou a mostrar nas ruas as vantagens da novidade que dominaria o mundo.

E, como a evolução não para, já há conceitos de pneus com filamentos internos inteligentes, que não precisam ser enfiados com ar, não furam nem rasgam. Pneus com sensores também surgem como parte do desenvolvimento das tecnologias de condução autônoma, que dominarão o mercado de veículos em breve.

## O pneu e seus segredos

Hairton Ponciano <hairton.ponciano@estadao.com>

O Estado de São Paulo/Jornal do Carro-24/08/2016-p. 8D

### Cuidados simples aumentam a durabilidade, e, na troca, deve-se respeitar o “RG” das peças

Eles são os itens que mais sofrem no carro. Aguentam todo tipo de frenagem, se desgastam nas acelerações ousadas, caem em buracos... É inevitável que, com o tempo, seja necessário trocar os pneus, mas, sabendo usar, é possível prolongar sua durabilidade. Veja algumas dicas descritas a seguir.

# 1946

Ano em que a Michelin inventou o pneu radial, que domina o mercado mundial até hoje

### Pressão

Manter a calibragem correta evita desgaste e reduz o consumo de combustível. Segundo informação da fabricante Continental, rodar com três libras abaixo da recomendada aumenta o consumo em 2%. Após 30 mil km, serão desperdiçados 55 litros de combustível. Lembre-se: a verificação deve ser feita com os pneus frios.



## Rodízio

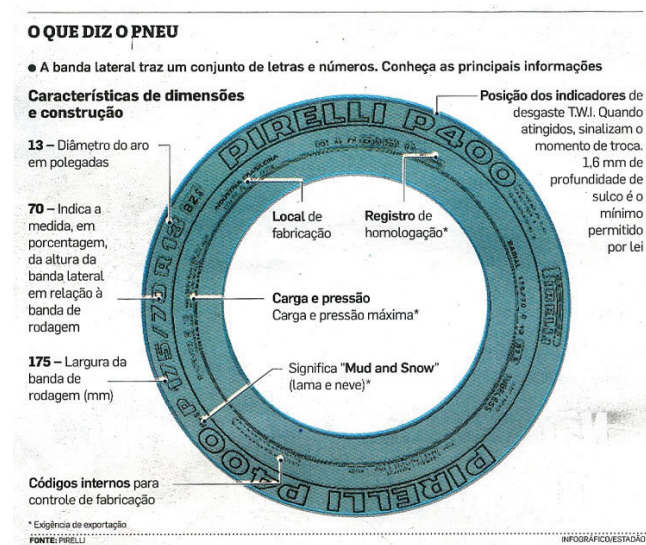
Para equalizar o desgaste, é recomendável realizar o rodízio. Em um carro de tração dianteira, os da frente sofrem por causa do esterçamento, do maior peso (por causa do motor) e da própria tração. Por isso, esses pneus perdem mais borracha que os de trás. Assim, recomenda-se preventivamente a troca de posições entre os dianteiros e traseiros. O intervalo varia de acordo com a fabricante (para isso, consulte o manual), mas normalmente a operação deve ser feita a cada 10 mil km.

## Troca

O pneu avisa quando sua vida útil está chegando ao fim. A profundidade mínima dos sulcos permitida por lei é de 1,6 milímetro. Abaixo disso, aumenta o risco de aquaplanagem, por exemplo. O *tread wear indicator* (TWI), ou “indicador do nível de desgaste”, na tradução livre, são marcas transversais na banda de rodagem. Quando ficam nivelados com a superfície da banda, é hora de substituir.

## Códigos

Todo pneu traz diversos códigos que indicam procedência, data de fabricação, medidas (largura, diâmetro, altura) e índice de velocidade, entre outras variáveis. Na hora da troca, é importante respeitar as mesmas especificações. Um veículo capaz de ir a 200 km/h, por exemplo, não pode utilizar pneus com índice de velocidade “S”, para até 180 km/h.



Confira na tabela a seguir o valor correspondente a cada letra. Na ilustração é possível checar o que os pneus do seu carro têm a dizer.

ÍNDICE DE VELOCIDADE	
LETRA	MÁXIMA
L	120 KM/H
M	130 KM/H
N	140 KM/H
P	150 KM/H
Q	160 KM/H
R	170 KM/H
S	180 KM/H
T	190 KM/H
H	210 KM/H
V	240 KM/H
W	270 KM/H
Y	300 KM/H

Fonte: Continental



É uma sensação estranha. Pode beirar até a imoralidade, quando lembrado da nossa inconsistência humana de valorizar mais a vida de alguns seres vivos em detrimento de outros. Explicando: em 2013, uma pesquisa nos Estados Unidos da América (EUA) mostrou que pessoas sentiam mais empatia e aflição quando liam notícias em que crianças eram vítimas de algum mal. Filhotes e cães adultos ficavam em segundo lugar. Por fim, vinham as pessoas adultas.

A psicóloga Maria Helena Franco, coordenadora do laboratório de estudos e intervenções sobre o luto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), explicou e frisou que não é preciso se preocupar com qualquer questão moral; deve-se entender a situação e aceitar a dor da perda.

O luto após a perda de um animal de estimação é real, confirma a psicóloga. Não é frescura, como alguns podem pensar. A ligação e o significado que os animais passaram a ter durante o convívio com seus donos são intensos. A morte de um não pode ser comparada a de qualquer outro ser

## AGENDE-SE

20, 21 e 22 de Maio de 2017  
FENAC | Novo Hamburgo | RS

Facebook: FeiPet, Instagram: FeiraFeiPet  
feipet.com.br (51) 3066.7453  
feipet@feipet.com.br

# Ensino da medicina veterinária e educação superior

Prof. Dr. Eduardo H. Birgel – Presidente da Apamvet – CRMV SP 0018



Foto: Nilton Fukuda/Estadão

No momento, o ensino da medicina veterinária e mesmo as questões da educação superior têm recebido uma grande demanda de informações e inúmeras dúvidas, que devem ser perfeitamente aclaradas e muito bem discutidas e divulgadas. Isto pôde ser visto na última reunião das entidades de classes, promovida pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo (CRMV/SP). Assim sendo, creio que seria de significativa importância incluir em nossas páginas um item referente ao assunto.

A necessidade de discutir e difundir conceitos do ensino de graduação em medicina veterinária e o esclarecimento de conceitos fundamentais da educação superior no Brasil ficou claro e bem fundamentado durante a reunião plenária realizada sob os auspícios do CRMV-SP no dia 31 de agosto de 2016. Pois, durante a Reunião de Entidades de Classe da Medicina Veterinária e Zootecnia, sessão inclusa na 15ª Edição da Pet South America, no debate sequencial à Palestra do ilustre Presidente do Conselho Regional – o médico-veterinário Mário Eduardo Pulga, ficou aparentemente esclarecido que o fulcro de inúmeras questões que assolam as atividades profissionais dos veterinários estão embasadas na problemática do ensino de graduação da profissão e nas deficiências, tanto do ensino como da formação profissional dos graduados.

## USP sobe 23 posições em ranking das melhores universidades

Fábio de Castro – O Estado de S. Paulo – Cad. Metrôpole: p. A15/5 Setembro 2016

A Universidade de São Paulo (USP) ficou em 120º lugar, numa lista das 900 principais escolas de ensino superior do mundo, sendo a 2ª melhor do continente, atrás da Universidade de Buenos Aires, e a segunda instituição da América Latina a aparecer no ranking.

A USP subiu 23 posições no ranking QS World University da publicação britânica Quacquarelli Symonds (QS), uma das principais listas de classificação de universidades no mundo. A instituição saiu do 143º lugar em 2015 para o 120º lugar em 2016.

A USP havia caído por dois anos consecutivos: de 127º em 2013 para 132º em 2014, depois para 143º em 2015. De acordo com o reitor da USP, Marco Antonio Zago, a posição de 2016 é a melhor já alcançada pela universidade desde que o ranking passou a ser divulgado em 2010.

“Esse resultado mostra que o reconhecimento e o prestígio da USP fora do País estão aumentando gradativamente. Apesar de oscilações anuais, a posição da USP é consolidada



como uma das melhores universidades não só da América Latina, mas também de toda a região Ibero-Americana – fato que já era conhecido, mas que se popularizou com o surgimento dos rankings”, disse o reitor em nota à imprensa.

Com o resultado, a USP continua sendo a segunda instituição da América Latina a aparecer na lista: a Universidade de Buenos Aires (UBA), na Argentina, passou do 124º lugar em 2015 para o 85º este ano.

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), segunda universidade brasileira com melhor colocação, subiu quatro posições no ranking, de 195º para o 191º lugar. Desde 2013, a Unicamp avançou 24 colocações.

Unicamp e USP são as únicas brasileiras entre os “top 200”. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) está em 321º lugar, subindo duas posições em relação a 2015.

Em 2016, o QS World University avaliou quase quatro mil universidades do mundo e classificou as 916 melhores instituições. A avaliação leva em conta, entre outros quesitos, reputação acadêmica, citações de artigos científicos, reputação entre empregadores, proporção entre professores e alunos e número de estudantes e professores estrangeiros.

Pelo quinto ano consecutivo, o ranking do QS é liderado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos da América (EUA). Além do MIT, completam a lista das 10 melhores: a Universidade de Stanford (EUA), Universidade de Harvard (EUA), Universidade de Cambridge (Reino Unido), Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech), nos EUA, Universidade de Oxford (Reino Unido), University College de Londres (Reino Unido), Instituto Federal Suíço de Tecnologia (ETH), na Suíça, Imperial College de Londres (Reino Unido) e Universidade de Chicago (EUA).

## As normas de avaliação do QS World University Rankings

O QS World University Rankings, em sua avaliação de 2016-2017, consultou mais de 70 mil acadêmicos e obtiveram as respostas de mais de 35 mil empregadores dos graduados nas universidades avaliadas. Assim sendo, foram realizados dois inquéritos – considerados os dois maiores eventos já realizados no mundo.

Cerca de 4 mil universidades foram consideradas nessa avaliação, sendo classificadas 916. Desse modo, incluíram-se na atual avaliação mais de 25 universidades do que as avaliadas em 2015.

As universidades classificadas até a 400ª colocação foram ranqueadas individualmente, e as demais, em grupos: iniciando com 401ª-410ª até 701ª+.

Para o estabelecimento do ranking, foram analisadas 10,3 milhões de artigos indexados pela base de dados bibliométricos da Scopus/Elsevier, como também foram analisados 66,3 milhões de citações de artigos científicos publicados pelas universidades avaliadas; além de outras 58,6 milhões de autocitações, que foram consideradas na presente avaliação.

## QS World University – ciências veterinárias

A QS World University destaca as posições segundo áreas específicas do conhecimento: no caso das ciências veterinárias, o Curso da USP ocupou a posição de maior destaque na América Latina, ocupando a 38ª posição no mencionado ranking, e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), o 46º lugar. Para conhecer os nove melhores cursos de medicina veterinária avaliados e a íntegra do *clipping*, consulte o site da Apamvet.

## O que fazer após a graduação em medicina veterinária?

Prof. Dr. Angelo João Stopiglia – CRMV SP 1.589

Prof. Dr. Eduardo Harry Birgel Junior – CRMV SP 0018

Nos últimos 20/30 anos, o ensino de graduação daqueles que desejam exercer a profissão de médico-veterinário assistiu ao vertiginoso crescimento no número de cursos em todo o Brasil e em São Paulo, especialmente. Salvo erro causado pela fúria irresistível criadora de novos cursos, que já ultrapassaram a duas centenas no final de 2016, segundo informações do CFMV, existiam 262 cursos regulamentados no Brasil. O curso clássico, nos bons tempos, em período integral, com quatro ou cinco anos, passou a ser oferecido em período parcial e, em alguns casos, matutino, vespertino e noturno. Advém, daí, cursos de medicina veterinária oferecendo, apenas, a carga horária mínima exigida pelo MEC.

Nas últimas semanas suscitou grande indignação entre os colegas e associações de classe devido à notícia referente à aprovação pelos órgãos competentes de uma modalidade nova de EAD (ensino a distância): medicina veterinária a distância. É de ressaltar que, recentemente, apareceu na mídia propaganda paga, oferecendo curso de veterinária em seis meses!

Se o estado atual da profissão chegou a tal ponto, é devido ao fato de que nos últimos quinze anos se perderam, dentro da nossa classe, os parâmetros mínimos de nomenclatura de cada uma das atividades exercidas pelos



colegas, assim como em cursos oferecidos aos estudantes de veterinária. Não vai aqui, de modo algum, crítica no respeitante à qualificação daqueles que se debruçam em melhorar o padrão dos jovens médicos-veterinários ou o conteúdo programático dos cursos oferecidos em várias formas de apresentação.

As universidades públicas estaduais, em São Paulo, foram o esteio da formação de um grande número de médicos-veterinários, e a carreira docente nessas instituições tinham sete degraus, aos quais nem todos os docentes tinham ou tiveram acesso, tais quais, resumindo, desde o auxiliar de ensino até o de professor titular, cada um dependendo de provas específicas.

Na primitiva carreira docente da USP – resultante da Reforma Universitária de 1968, existiam oito degraus, pelos quais os docentes passavam por provas e títulos. Seis eram funções, e dois representavam cargos com números específicos para cada departamento: 1) a carreira começava com o médico-veterinário apenas graduado; contratado por convite era o auxiliar de ensino, posteriormente denominado como instrutor-MS1; 2) a seguir, professor assistente mestre-MS2 (pela obtenção do diploma de mestre); 3) professor assistente doutor-MS3 (pela obtenção do título de doutor); 4) professor livre-docente-MS4 (ao ser aprovado em concurso de provas e títulos, com apresentação de nova tese e de suplantar uma aula magistral); então o docente era reconhecido como professor do magistério superior; 5) ao demonstrar o docente conhecimento de sua matéria didática e iniciativa de pesquisa e de realização de serviços, poder-se-ia pleitear o título de professor adjunto-MS5, após ser submetido a uma avaliação de seu Curriculum Vitae.

A seguir, para completar a carreira, haveria a possibilidade de outros dois concursos, para obtenção de cargos de: **a) professor associado** – que teve vida efêmera logo na implantação da Reforma Universitária (o mérito era verificado pela análise do currículo, com banca examinadora formada por cinco professores) e **b) professor titular-MS6**, Título obtido em concurso público, submetendo os candidatos a provas e análise de títulos e apresentação de nova tese.

Hoje se observa nas propagandas apresentadas por instituições e/ou associações nas mídias sociais, com uma mistura de nomenclaturas e denominações, como no caso do termo “**pós-graduação**”, que representa ações e realizações de tudo o que o graduado em curso superior faz após completar o seu curso. Há que se diferenciar a modalidade *stricto sensu*, nível mestrado e doutorado, para futuros pesquisadores e professores, da modalidade *lato sensu*, forma de ensino em que incluem-se, entre outros,

o aperfeiçoamento e a especialização (cursos designados nas instituições de ensino superior – IES – como cursos de extensão universitária) para os colegas que pretendam melhorar as suas atividades como autônomos.

Mas quem faz um curso de especialização recebe um certificado que não lhe atribui o título de especialista, visto que a condição de especialista é uma titulação profissional, e não acadêmica, e a certificação de especialista numa área específica do conhecimento depende de uma associação nacional, capacitada a julgar se o profissional está apto e em condições de receber a designação. No caso da medicina veterinária, o CFMV habilita as entidades para a concessão do título de especialista, que emitirá o título. Outro aspecto, sobre tais cursos, é que a entidade que tem fama, faz a propaganda e ministra o curso não é a que emite o certificado, visto isto ser, nesses casos, prerrogativa de uma universidade. Ainda existem os cursos de final de semana, de curta duração, que, quando muito, são de atualização.

Dessa forma, causa estranheza a série de autodenominações dada por quem ministra aulas em cursos, que, a bem da verdade, são os palestrantes e professores (se prestaram concurso para tal). Assim, observa-se uma variedade de nomenclaturas: “MV especialista”, “MV MSc”, “MV Doutor”, “professor MV”; “professor especializado”; “professor especialista”; “professor mestre”; “professor doutor”, entre outras designações. Cabe à classe médico-veterinária cuidar, normatizar e acompanhar tais designações de forma correta, a fim de evitar erros de interpretação sobre o corpo de palestrantes de cada curso.

Assim, os jovens, ao se formarem, antes de se deixarem levar pela propaganda, saturando o mercado de “especializados”, devem se inteirar sobre a modalidade do curso, seu corpo docente, se são efetivos no curso ou contratados como palestrantes, seu conteúdo programático, com as possibilidades de atividades práticas. Além do mais, é fundamental estabelecer quem emitirá o certificado, se a área de especialização pode dar título de especialista ou não (isto é, se a entidade promotora do curso é habilitada pelo CFMV para atribuir o título de especialista). Em conclusão: o candidato ao aprimoramento profissional pós-graduado deve fazer as escolhas que lhe conferirá melhoria, de fato, em suas atividades profissionais.

**Observação do Comitê Editorial: Os autores abordaram um tema muito importante, e, como vários institutos de educação usam terminologias formalmente errôneas mas muito favoráveis, porém, do ponto de vista do marketing, o Boletim voltará a esse assunto no próximo número.**

No próximo Boletim será publicada na íntegra a notícia do CFMV "Acreditação dos cursos de medicina veterinária".

# Academia Brasileira de Medicina Veterinária elege um paulista para a presidência da entidade: Dr. Sebastião Costa Guedes



Discurso de posse de Sebastião Costa Guedes para a Academia Brasileira de Medicina Veterinária (Abramvet), na Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), no Rio de Janeiro, a 28/10/2016:

*Boa tarde às Senhoras e Senhores que prestigiam este ato. Desejo em primeiro lugar saudar o estimado e querido decano Professor Doutor Milton Thiago de Mello, que hoje nos transfere à presidência da nossa Academia.*

*Saúdo também o Dr. Antônio Mello Alvarenga Neto, membro honorário de nossa Academia e costumeiro anfitrião de nossas reuniões nesta confortável e linda sede da SNA. O pai do Dr. Alvarenga foi uma grande liderança de nossa agropecuária, e tive a honra de privar de sua amizade, recebendo da SNA o troféu “A Lavoura” para o setor da pecuária de corte, por indicação do Ministro Pratini de Moraes. A honraria me foi entregue pelo saudoso Luiz Marcos Suplicy Hafers, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB) recentemente falecido.*

*Outros colegas que merecem uma saudação especial é Luiz Octávio Pires Leal, que, além de Acadêmico, edita a Animal Business Brasil, tarefa hercúlea num país que não valoriza adequadamente a informação escrita.*

*E o outro é nosso dedicado tesoureiro, o Acadêmico Alcides Pissinatti.*

*Agradeço a presença do ex-Ministro da Integração Nacional Josélio de Andrade Moura, nosso colega nesta Academia. Muito agradecido ao Dr. Ottorino Cosivi, diretor do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa e da Organização Pan-Americana da Saúde (Panaftosa/OPAS), que dirige uma instituição internacional a quem o Brasil e o continente devem reverenciar pelos relevantes serviços prestados desde 1951 e para os quais muito colaborou nosso colega acadêmico Albino Belotto, ex-diretor da instituição.*

*Autoridades civis, militares e seus representantes, Meus companheiros da nova diretoria, Ilustres convidados, Senhoras e Senhores,*

*Estou muito pensativo e preocupado com a responsabilidade que agora assumo, muito mais por decisão do meu antecessor que por meu desejo.*

*Não é fácil suceder ao Prof. Milton, não só por sua vasta experiência, mas sobretudo pelo seu prestígio a nível*



global, incluindo fazer parte dos quadros de importantes entidades internacionais.

Não venho de carreira acadêmica, pois sempre pertenci ao setor privado.



A medicina veterinária tem múltiplas interfaces, com atividades governamentais e privadas, como demonstra o excelente artigo do colega Carlos Eduardo Autran de Freitas, portanto nosso colegiado tem grande potencial para transferir experiências e colaborar nos diversos campos de nossa profissão.

Muitas profissões relacionadas à nossa procuram em escala ascendente dar um enfoque mais econômico à produção animal. Muitas vezes o médico veterinário chega ao exercício profissional só com uma visão clínica, mas precisa considerar também o rendimento da produção, principalmente para aqueles que trabalharão na área pecuária. Caso isto não aconteça, vamos perder território profissional.

A difusão da internet e seu uso tornarão mais desafiador o futuro dos nossos profissionais.

O Prof. Milton já nos deixa a porta aberta para uma melhor interação com a Escola Nacional de Gestão Agropecuária (Enagro) e com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Luiz Octávio já sugere um abrangente projeto de comunicação social.

Temos ainda que fazer uma atualização, ou “aggiornamento”, de nossos estatutos.

Academias de países do nosso continente desejam eventos mais integrados com a nossa, principalmente pelo formidável crescimento de nossas exportações de produtos pecuários. Neste aspecto, conversações já foram iniciadas com a similar do Uruguai.

A multiplicação de faculdades de medicina veterinária, principalmente nas três últimas décadas e a carência de professores adequadamente capacitados abrem um campo para que a experiência de acadêmicos possa ser aproveitada através de palestras, conferências e cursos rápidos de especialização. Essa possibilidade de transferência de conhecimento deve ser abordada em discussões com nossos Conselhos Federal e ou Estaduais, bem como com as sociedades profissionais.

No campo da sanidade animal e da inspeção de alimentos, essa transferência de conhecimentos deve ser mais priorizada. Como exemplo significativo, temos a febre aftosa em fase final de erradicação com a desejada retirada da vacinação, pois oito unidades federativas estão há mais de 20 anos sem focos, e os dois estados que mais recentemente tiveram problemas já completaram 10 anos; 17 estados possuem de 15 a 20 anos sem focos.

Acadêmicos podem informar ou orientar os estudantes e novos profissionais sobre os aspectos essenciais dessa enfermidade, principalmente nos aspectos de vigilância ativa e passiva.

Enfim, caros presentes, temos enorme chance para dinamizar o ensino profissional e colaborar com a atividade veterinária.

Nossa Academia deve ser o ambiente adequado para o reconhecimento de uns aos outros, para a queda de barreiras e para a coexistência na diversidade.

Devemos cooperar para que “o mundo não seja o campo de batalha de seres atormentados e agonizantes que continuam a existir apenas devorando-se uns aos outros” como dizia Schopenhauer há 272 anos.

Reitero o agradecimento pela presença de todos e aproveito para desejar um feliz mandato aos colegas da nova diretoria.

Que Deus nos ajude neste desafio!

Muito obrigado. 🍷



# Perfil dos tutores de *pets* e sua percepção sobre o médico-veterinário

MV. Msc. Carolina Padovani CRMV-SP 28.089 – Gerente de Comunicação Científica da Royal Canin, Brasil  
carolina.padovani@royalcanin.com

O IBOPE Inteligência, em parceria com o Centro de Pesquisa WALTHAM®, a principal autoridade científica em bem-estar e nutrição de *pets*, realizou uma pesquisa inédita para estudar o padrão de comportamento do brasileiro na interação com seus *pets*, as principais barreiras para aqueles que, atualmente, não possuem animais de estimação e também a percepção do brasileiro sobre o profissional médico-veterinário.

O Brasil possui, atualmente, 52,2 milhões de cães e 22,1 milhões de gatos, sendo que dos 65 milhões de domicílios do país, 44,3% possuem pelo menos um cão e 17,7% pelo menos um gato, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa IBOPE Inteligência mostrou que a maioria dos brasileiros tutores desses cães é homem, casado, mora com mais de uma pessoa e é de classe AB. Já os tutores de gatos são, em sua maioria, mulheres, solteiras, que moram em apartamentos e são de classe BC.

A pesquisa comprovou, ainda, a conexão emocional dos brasileiros com seus animais de estimação, assunto amplamente estudado por WALTHAM® no mundo todo. Para o Centro de Pesquisas, os *pets* representam uma parte essencial da sociedade e fornecem um apoio valioso em facilitar a interação humana e os contatos sociais, além de proporcionar companhia. As evidências científicas têm demonstrado os diversos benefícios advindos dos *pets*, não só para os seus tutores, mas também para a sociedade como um todo, tese essa comprovada no Brasil por meio dos resultados da inédita pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência.

Existem dados referentes ao comportamento do tutor de cães e gatos publicados em outros países, mas no Brasil é a primeira vez que temos acesso a essas informações em nível nacional, reforçando a relevância social dos animais de estimação e contribuindo para várias pesquisas acadêmicas realizadas hoje na medicina veterinária.

## Tutores de cães

A pesquisa mostrou que os tutores de cães são, em sua maioria (51%), casados, têm, em média, 41 anos e 93% moram com mais de uma pessoa. Além disso, observou-se que 82% são de classe AB (na classe A são 24%), 59% moram em casas e 24% adotaram seus cães, sendo 59% deles sem raça definida.

Dos entrevistados, 68% acreditam que os cães trazem conforto emocional e 44% veem seus cachorros como filhos, sendo que a maioria desses respondentes são mulheres solteiras de até 40 anos.



A alimentação manufaturada foi apontada como a melhor opção para os cães, já que 95% dos donos optam por alimentação seca.

Na fase qualitativa da pesquisa, foram identificados três perfis de tutores de cães:

- **Pragmáticos:** aqueles que possuem uma relação racional com seus *pets*;
- **Envolvidos:** os cães podem frequentar apenas áreas sociais da casa;
- **Apaixonados:** possuem alto nível de envolvimento, apego e dedicação com seus *pets*.

Os perfis predominantes entre os brasileiros são os envolvidos e apaixonados, dado reforçado na fase quantitativa, que mostrou que 64% dos entrevistados deixam os cães dormirem dentro de casa.

## Tutores de gatos

Em relação aos tutores de gatos, a pesquisa mostra que 61% são mulheres, têm em média 40 anos e 62% moram

em casas. Dos entrevistados, 48% acreditam que os felinos entendem o humor dos tutores e 45% veem seus gatos como filhos, sendo a maioria desses respondentes as mulheres solteiras de até 40 anos.

Na fase qualitativa, foram identificados três perfis de tutores de gatos:

- **Apaixonados:** defensores da categoria, que podem ser chamados de gateiros ou *cat lovers*;
- **Resignados:** aqueles que gostariam de ter cachorro, mas acabaram por ter gato;
- **Convertidos:** aqueles que não pensavam em ter, foram influenciados por conhecidos e viraram fãs.

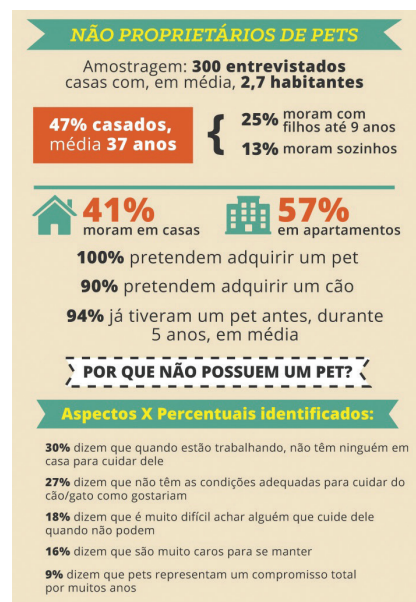


Observou-se, também, que as características relacionadas aos gatos apontadas pelos entrevistados são mais voltadas ao que eles são e menos ao que eles significam. Alguns exemplos: gatos são mais independentes, são menos carentes e não precisam tomar banho com frequência, entre outras.

Dos tutores de gatos, 39% também têm cães, e a porcentagem de tutores de felinos (42%) que acreditam que *pets* são boa companhia para crianças é numericamente maior do que a de tutores de cães (40%). A alimentação manufaturada foi apontada como a melhor opção para o pet, pois 94% dos entrevistados optam por alimentação seca.

## Não tutores

A pesquisa mostrou que 47% dos entrevistados que não possuem *pets* são casados, têm, em média, 37 anos, 25% moram com filhos de até 9 anos, 57% moram em apartamento e 94% deles já tiveram um animal de estimação antes.



Dentre os aspectos apontados para justificar o porquê de não possuírem um pet estão:

- Não ter alguém em casa para cuidar enquanto estão no trabalho;
- Ser um compromisso por muitos anos;
- Custos com cuidados serem altos.

A vontade de adquirir, comprar ou adotar um animal de estimação é apontada por 100% dos entrevistados, sendo que 90% pretendem adquirir um cão e 20% têm a intenção de ter um gato.

## Percepção do brasileiro sobre o profissional médico-veterinário

Ao longo de 46 anos de profissão regulamentada, os médicos-veterinários vêm mostrando a importância de seu trabalho para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, por meio dos serviços prestados à sociedade no cuidado com a saúde e bem-estar dos animais, preservação da saúde pública, produção de alimentos saudáveis e em atividades voltadas para garantir a sustentabilidade ambiental do planeta, atuando em mais de 80 especialidades.

A pesquisa revelou que a frequência de ida à clínica veterinária, incluindo para serviços de higiene e cuidados com a saúde, é maior entre os tutores de cães do que entre os tutores de gatos: a média é de 2,8 vezes por ano contra 2,3 por ano, respectivamente. Os principais motivos da ida à clínica são:

- **Consulta de rotina e vacinação:** 79% para cães e 76% para gatos;
- **Aparecimento de alguma doença:** 26% para cães e 19% para felinos;
- **Higiene:** 17% para cães e 15% para gatos;
- **Emergência:** 9% para cães e 12% para felinos.

O estudo mostra, ainda, que pouco mais da metade dos tutores de cães (51%) busca orientação do médico-veterinário para entender qual a alimentação mais adequada para o seu *pet*, número que se mantém quase igual para os tutores de gatos (52%).

Outro fato interessante revelado pela pesquisa é que apenas 5% dos tutores de cães e 4% dos tutores de gatos levam seus *pets* a uma consulta veterinária por problemas de sobrepeso ou obesidade. Esse número é preocupante porque sabemos que a doença afeta metade da população de animais domésticos no mundo.

Alguns pontos interessantes identificados entre os tutores na fase qualitativa da pesquisa são:

- A percepção de que ter gatos é mais barato porque raramente adoecem e necessitam de idas ao consultório veterinário;
- A importância reconhecida de realizar a vacinação sempre com um médico-veterinário;
- *Pets* que ficam e dormem dentro de casa têm frequência maior de ida à clínica veterinária do que os que vivem fora de casa;
- Animais de raças precisam visitar mais o médico-veterinário, já que possuem mais problemas de doenças do que os animais sem raça definida;
- *Pets* adotados acabam precisando do serviço veterinário por motivos de emergência;
- Cães e gatos sem raça definida não ficam doentes e, por isso, não precisam ir ao veterinário com frequência;
- Os cães também estão mais suscetíveis a problemas de saúde do que os gatos, principalmente relacionados a problemas dermatológicos e otológicos.

Entre os entrevistados não possuidores de *pets*, 42% citaram que o acesso a serviços veterinários mais acessíveis financeiramente os fariam tomar a **decisão de ter um animal de estimação**.

O papel do médico-veterinário é muito amplo e fundamental na vida dos animais, especialmente por toda assistência clínica e cirúrgica dada aos *pets*.

Compartilhar conhecimento com toda a sociedade e entender a relação entre os tutores e seus *pets* é imprescindível para buscarmos alternativas de melhoria na qualidade de vida dos animais de estimação.

### Sobre a pesquisa

A pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo que a qualitativa foi feita com 13 grupos de discussão em São Paulo, Recife e Porto Alegre. As entrevistas foram realizadas com homens e mulheres a partir de 25 anos, divididos em três grupos: tutores de cães, tutores de gatos e não possuidores (com intenção de ter um *pet*), nos meses de janeiro e fevereiro de 2015.

A etapa quantitativa teve uma base de 900 entrevistados, sendo 300 tutores de cães, 300 tutores de gatos e 300 não possuidores (com intenção de ter). As entrevistas foram realizadas com homens e mulheres a partir de 25 anos em São Paulo, Rio

de Janeiro, Ribeirão Preto, Porto Alegre, Salvador e Distrito Federal, entre os dias 25 de junho e 17 de julho de 2015. A margem de erro da pesquisa é de seis pontos percentuais por segmento e de três pontos percentuais no total da amostra.


### Sobre a Mars, Incorporated

A Mars, Incorporated é uma empresa familiar, privada, com mais de 100 anos de história e dona de algumas das marcas mais amadas do mundo, como M&M'S®, TWIX®, SNICKERS®, PEDIGREE®, ROYAL CANIN®, WHISKAS®, EUKANUBA™ e UNCLE BEN'S®. Sediada em McLean, no estado estadunidense da Virgínia, a Mars tem faturamento acima de US\$ 33 bilhões em vendas oriundas de seis distintas linhas de negócio: Petcare, Chocolate, Wrigley, Food, Drinks, e Simbiocience. Mais de 75 mil colaboradores de 74 países estão reunidos sob os cinco princípios da empresa: qualidade, eficiência, responsabilidade, mutualidade, e liberdade, e lutam, diariamente, para desenvolver o relacionamento com públicos de interesse, a fim de estimular o crescimento do qual a empresa se orgulha.

### Sobre o WALTHAM® Research Center

Já celebrando mais de 50 anos de ciência inovadora, o WALTHAM®, centro de nutrição e bem-estar animal atua como uma importante autoridade científica no desenvolvimento das fronteiras de pesquisa sobre a nutrição e a saúde de animais de estimação. Situado em Leicestershire, Inglaterra, o renomado instituto de ponta de ciências da Mars, Incorporated gera conhecimentos que permitem o desenvolvimento de produtos inovadores, que atendem às necessidades dos animais de estimação de uma maneira prática. Desde a publicação de sua primeira pesquisa original, em 1963, o WALTHAM® é o pioneiro de muitos avanços importantes no campo da nutrição de animais domésticos e interação humana-animal, resultando em mais de 1.700 publicações, incluindo mais de 600 revisões por pares de trabalhos científicos. Hoje, o WALTHAM® continua a colaborar com os melhores institutos científicos do mundo, gerando a visão de cuidados com os animais domésticos da Mars para criar um mundo melhor para os animais e fornecer a ciência e a *expertise* que sustenta importantes marcas da Mars, como WHISKAS®, PEDIGREE®, NUTRO®, TRILL®, CESAR®, SHEBA®, KITEKAT®, DREAMIES™, AQUARIAN®, WINERGY®, BANFIELD® Pet Hospital e ROYAL CANIN®.

### Sobre o IBOPE Inteligência

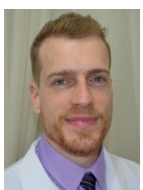
O IBOPE Inteligência é uma empresa privada brasileira que contribui para seus clientes terem conhecimento e compreensão adequados da sociedade e dos mercados em que atuam, auxiliando na tomada de decisões táticas e na elaboração de estratégias no planejamento de negócios. Seu diferencial está baseado em uma equipe multidisciplinar integrada, profissionais altamente qualificados e especialistas no conhecimento do cidadão e do consumidor. 



# Associação Cetamina e Xilazina\*: o grande desconhecimento farmacológico



**Martiello Ivan Gehrcke**  
Prof. Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)  
Doutor em Ciência Animal na área de Anestesiologia Animal



**Thomas Alexander Trein**  
Médico-veterinário anesthesiologista autônomo  
Mestre em Ciência Animal na área de Fisiopatologia Médica e Cirúrgica pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Medicina Veterinária (FMVA), campus de Araçatuba  
Especialista em Anestesiologia Veterinária pelo Colégio Brasileiro de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária (CBCAV)



**Flavio Massone**  
Prof. Emérito da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da Unesp, campus de Botucatu  
Prof. Titular (aposentado) de anestesiologia da FMVZ/Unesp  
Presidente de Honra do CBCAV  
Membro Efetivo do CRMV-SP 2015-18  
btflama@uol.com.br

Com certeza você já ouviu dos anesthesiologistas e professores o quão ruim é uma “anestesia” **apenas** com cetamina e xilazina. Mas você sabe os motivos?

## Primeiramente

Vamos lembrar que a anestesia dissociativa isoladamente não é uma anestesia cirúrgica. Mas é possível alcançar a imobilidade e a ausência de resposta ao estímulo cirúrgico? Sim, com doses elevadas, desde que não se abordem estruturas viscerais ou torácicas. Depois disso, temos dois aspectos importantes a considerar: o ético (bem-estar animal) e a **segurança** (risco de morte).

## Risco ético

Não se admite que se realizem procedimentos cirúrgicos sem a presença de analgésicos opioides. Lembremos que a xilazina possui discreta analgesia visceral e a cetamina analgesia somática, mas essa é uma analgesia **leve**,

não permitindo cirurgias extensas, ósseas, e tampouco abertura de cavidade. Assim, uma castração apenas com cetamina e xilazina, mesmo que o animal não se mova na mesa, causa dor, e portanto é antiética, além de predispor à **dor crônica**. “Ah, mas o animal não se mexe!”. Imobilidade não é sinônimo de anestesia. “Ah, mas ele não altera os parâmetros respiratórios nem cardíacos!”. A xilazina promove bradicardia, hipertensão e depressão respiratória, logo, mesmo com dor, o paciente não irá alterar os parâmetros.

E como deixar o protocolo mais “ético”? Adicionando opioides – como a morfina, por exemplo – ao protocolo e/ou anestesia locoregional. Isso deixa de te transformar num “**monstro**” que opera animais promovendo dor e que muitas vezes é o único tipo de anestesia que se tem. Porém, entramos no segundo ponto.

## Segurança

Se você utilizar cetamina, xilazina e opioides, o animal terá excelente analgesia, porém, os riscos do protocolo se elevam consideravelmente – é a mesma coisa que beber e dirigir: você assume o risco de matar. Por quê?

- **Hipertensão:** tanto a cetamina como a xilazina são hipertensores! “Ah, mas melhor hipertensão que hipotensão”. **Isso é uma inverdade:** hipertensão leva a danos nos órgãos, principalmente **rins** e **retina**, o que pode significar um animal com **insuficiência renal** ou **cego** no pós-operatório. “Ah, mas nem sangra”. Realmente, a cirurgia sangra menos, pois a vasoconstrição periférica diminui o sangramento e também a perfusão tecidual;
- **Lesão de miocárdio:** imagine que o coração está fraco por ação direta dos fármacos e está “lento” (bradicardia), logo, não está trabalhando direito. Ainda por cima, a hipertensão (vasoconstrição) aumenta a resistência que ele tem que vencer para bombear sangue, ou seja, aumenta o esforço cardíaco, predispondo a lesões valvares. Para agravar o protocolo basta administrar atropina para reverter a bradicardia – o que, aliás, já é tarde, pois usa-se atropina no pré-tratamento – e então você terá um coração fraco e demasiadamente esforçado, aumentando as chances de infarto e lesões de baixa perfusão;

\* Denominado vulgarmente “ketapun”.

- **Alterações respiratórias:** sem sangue não há oxigenação! A vasoconstrição pulmonar diminui as trocas gasosas, prejudicando a oxigenação sanguínea. Quantos pacientes submetidos a esse protocolo recebem oxigênio? Além disso, as associações com opioides irão diminuir a resposta à hipercapnia e hipoxemia, predispondo o paciente à hipóxia tecidual, caso ele não esteja sendo monitorado adequadamente. Assim, embora você possa transformar esse protocolo em um excelente analgésico, não pode deixá-lo mais seguro!
- **Alguns pontos importantes:** “Mas é mais barato”. **Uma grande inverdade:** atualmente fármacos como isoflurano e propofol estão com baixo custo! “Ah, mas ele não se moveu durante a cirurgia”. Novamente: **imobilidade não é sinônimo de anestesia!** “Mas nenhum paciente morreu até hoje.” **Outra inverdade:** para ser exequível, a cirurgia necessita de doses elevadas e inseguras, assim, se a taxa de mortalidade é baixa, ou o animal não estava adequadamente anestesiado (**não é “normal”** o paciente ter movimentos ou produzir vocalização) ou você está “ocultando” os óbitos. O que acontece é que a maioria dos pacientes ASA I ou II acabam “compensando” todo o estresse cardíaco e sobrevivem, mas aí vem outro ponto importante: **o que é sucesso anestésico?** “Ah, mas extubou e foi para casa, então deu tudo certo.” **Outra inverdade:** sucesso anestésico se resume em segurança e analgesia **pré, trans e pós-operatória**. Não somente o óbito é culpa da anestesia, mas um animal com lesão renal, de retina ou com dor crônica também. Imagine aquele cão jovem com insuficiência renal ou cardíaca precoces. **Será que não foi culpa da “anestesia” administrada três anos atrás?**

A presença do médico-veterinário anestesista durante o ato cirúrgico é essencial. Além desse profissional ter o conhecimento das principais áreas que acompanham a anesthesiologia, como a farmacologia e fisiologia, e assim compreender os efeitos farmacológicos dos medicamentos anestésicos sobre o organismo como um todo, ele é capaz de estabelecer o melhor protocolo para determinado paciente, visando ao conforto, à analgesia e à segurança por meio da analgesia multimodal.

Infelizmente, ainda há médicos-veterinários que se aventuram a realizar o procedimento cirúrgico e anestésico sozinhos, utilizando essa associação para a grande maioria de seus pacientes, de forma empírica e inconsequente. Dessa maneira, torna-se impossível efetuar uma monitoração adequada e segura durante o ato anestésico,

tendo em vista as importantes alterações fisiológicas que resultam dessa associação.

Como tratar a dor se não há um profissional avaliando-a? Por que o animal está demorando para se recuperar? Por que o paciente está hipoventilando? Devo reverter a xilazina? Nesse cenário, o desconhecimento **não é uma prerrogativa** e não desculpa ninguém. Devemos lembrar que a ficha anestésica é um documento legal, deve ser obrigatoriamente preenchida durante o ato anestésico, e cedida ao proprietário caso ele a solicite. Em casos de complicações ou óbito do paciente, como comprovar os atos realizados se ela não existe?

Muitos profissionais acreditam que o anestesista acaba onerando o procedimento e por isso não requisitam sua presença. **Outra inverdade:** a presença do anestesista demonstra preocupação para com o paciente veterinário e não deve ser encarada como um custo, mas sim como uma necessidade essencial para o sucesso do procedimento cirúrgico. Na maioria das vezes, o tutor ficará impressionado com a importância dada ao seu animal. Ainda mais, há tutores que desconhecem a existência do anestesista veterinário e que ficariam muito contentes em pagar pela prestação desse serviço profissional após informá-los de suas funções durante a tão “temida” anestesia.

## Conclusão

É óbvio que em pequenas cidades e até mesmo campanhas de castração essa associação “anestésica” é a única opção – não por ser mais barata, pois não é, mas por conveniência e disponibilidade. Nela, é imperativo que se use analgésicos e anestesia local complementar. No entanto, ela **jamaiz** será um protocolo seguro! Por outro lado, a quantidade, em absoluto, deve reduzir a qualidade da anestesia...

Contudo, é preciso conscientizar e instruir os médicos-veterinários até que não se permita mais que sejam realizadas cirurgias com esse protocolo inseguro e negligente. Eles são devastadores ao sistema cardiorrespiratório e renal, com repercussão tardia. Reflitamos sobre outros pontos.

## Aspectos legais

Se observarmos agora o aspecto legal, veremos que qualquer intervenção cirúrgica não pode ser efetuada em ambulatório (Resolução CFMV nº 1.015, de 9 de novembro de 2012) mas apenas em clínicas veterinárias, hospitais veterinários ou em locais previamente permitidos por resoluções dos respectivos conselhos regionais, como em casos de mutirões de castração.

O que se tem observado é que pela mesma resolução, muitas vezes por **negligência, imperícia ou imprudência**, o profissional efetua essa modalidade de associação anestésica na clínica, hospital veterinário ou nos mutirões de castração ignorando a própria Resolução 1015/2012 ou até a Resolução nº 1.071, de 16 de novembro de 2014, em que consta a necessidade de preenchimento de fichas de consentimento cirúrgico e anestésico, o que acaba ferindo, assim, outros princípios éticos nos quais, além do desconhecimento farmacológico, fere os conhecimentos legais, quando o mesmo profissional que efetua a cirurgia efetua a anestesia simultaneamente.

### Onde está o erro?

1 – Existem várias modalidades anestésicas muito mais seguras e confortáveis para o paciente e menos onerosas para o profissional.

2 – É chegada a hora de aproveitar os especialistas e profissionalizar os procedimentos, instituindo equipe cirúrgica com a presença de um anestesista ou, na ausência dele, de um médico-veterinário que saiba anestésiar, avaliando os parâmetros fisiológicos constantemente, pois atualmente, a maioria dos biomonitores informa os dados em planilha a cada três minutos. O renome da clínica melhora, os clientes ficam impressionados com a qualidade do atendimento e o clínico fica mais tranquilo com a minimização dos riscos.

3 – Todo profissional tem a obrigação, como empreendedor, de se atualizar e instituir em sua clínica ou hospital veterinário obediência à Resolução 1015/2012: mantendo oxigênio, dispensário de medicamentos e aparelho de

anestesia (Figura 1), e se tiver condições, bomba de seringa (Figura 2).

4 – O Código de Ética, na Resolução CFMV nº 722, de 16 de agosto de 2002, já mostra o caminho aos médicos-veterinários: dos deveres profissionais, art. 6º, item I, “*aprimorar continuamente seus conhecimentos e usar o melhor do progresso científico em benefício dos animais e do homem*”.

### Bibliografia

APPLE. CRMV-SP. Aplicativo para sistema iOS. Apple, 2017.

FANTONI, D. T.; CORTOPASSI, S. R. G. **Anestesia em cães e gatos**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2010. 620 p.

KLAUMANN, P. R.; OTERO, P. E. **Anestesia locorre-gional em pequenos animais**. São Paulo: Roca, 2013. 268 p.

SPINOSA, H.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia aplicada à medicina veterinária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 848 p.

LIMA, A. F. M.; LUNA, S. P. L.; PAYNE, W. J. **Contracepção cirúrgica em cães e gatos**. São Paulo: MedVet, 2015. 141 p.


MASSONE, F. **Anestesiologia veterinária: farmacologia e técnicas**. Texto e Atlas. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 428 p. 



Figura 1 Anestesia Volátil e monitoração



Figura 2 – Bomba de seringa



# Compartimentação

Profa. Dra. Masaio Mizuno Ishizuka

Professora Sênior de Epidemiologia das Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da-Universidade de São Paulo (FMVZ/USP) - mizuno@usp.br

Cobb-Vantress do Brasil recebe o 1º Certificado de Compartimentação de Reprodução Livre de Influenza Aviária e Doença de Newcastle do mundo reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) em 21 de novembro de 2016, em Brasília.



Dr. Jairo Arenázio (Diretor da Cobb-Vantress);  
Dra. Monique Eliot (Diretora Geral da OIE);  
Dr. Blairo Maggi (Ministro da Agricultura/Brasil)

Tradicionalmente, as medidas de profilaxia em populações de animais são as denominadas “medicina veterinária preventiva” e “saúde animal”. A primeira é representada por um conjunto de medidas que visa a restaurar, a manter ou a promover a saúde de um animal ou de um rebanho sem a necessidade de amparo legal. Já a segunda medida – saúde animal – é um conjunto de determinações que objetiva restaurar, manter ou promover a saúde de uma população animal de certa área geográfica e requer a existência de amparo legal. A área geográfica pode ser todo o território de um País ou parte deste, denominado “região” ou “zona”; no Brasil existiu o denominado “circuito pecuário”.



1º Certificado de Compartimento de Reprodução Livre de Influenza Aviária e Doença de Newcastle reconhecido pela OIE (Organização Mundial de Saúde Animal)

A OIE (Organização Internacional de Saúde Animal) preconiza que a conquista e a manutenção de *status* livre de uma doença em populações de animais em todo país membro da OIE deveria ser o objetivo final. Esse objetivo é difícil de ser alcançado – principalmente para doenças de trabalhoso controle nas fronteiras – e indica a existência de benefícios para estabelecer e manter subpopulações com *status* de saúde diferenciado dentro de um território. Essas subpopulações podem ser separadas por

barreiras geográficas naturais, artificiais ou pela aplicação de medidas práticas e apropriadas de biosseguridade.

Assim, em 2000, a OIE estabelece os conceitos de zoneamento e de compartimentação, que são procedimentos implantados pelos países-membros, atendendo ao capítulo 4.3 do Código Terrestre para fins de controle de doenças e/ou comércio internacional. Assim define:

- **Zoneamento:** conceito aplicado a uma subpopulação animal primariamente definido em base geográfica utilizando barreiras naturais, artificiais ou legais;
- **Compartimentação:** aplicado a uma subpopulação animal primariamente definido com base no manejo e práticas de criação relacionados à biosseguridade.

Na prática, as considerações espaciais (área geográfica dentro de um país) e de manejo sanitário de bens (animais e produtos derivados) incluindo medidas de biosseguridade são fundamentais na aplicação dos dois conceitos supramencionados.

Antes da realização do comércio de animais e seus produtos, um país importador requer que suas condições sejam satisfeitas no que respeita à proteção apropriada da saúde dos animais. Para contribuir com a segurança do comércio internacional, o zoneamento e a compartimentação podem colaborar no controle e na erradicação de doenças no território dos países-membros. O zoneamento encoraja o emprego mais eficiente de recursos em certas partes do território de um país, e a compartimentação permite a separação funcional de uma subpopulação de outros animais domésticos ou silvestres pela aplicação de medidas de biosseguridade, o que não pode ser alcançado pelo zoneamento. Além disso, em caso de ocorrência de um surto de doença, a compartimentação permitirá ao país-membro obter vantagens dos elos epidemiológicos entre subpopulações, com práticas comuns de biosseguridade – a despeito da localização geográfica adversa – que favoreçam intensificar as medidas de controle e manter a continuidade do comércio interno e externo.

Zoneamento e compartimentação são aplicados para uma ou mais doenças com perfis epidemiológicos próximos, como Influenza Aviária (IA) e Doença de Newcastle (DN).

Embora os conceitos de zoneamento e compartimentação foram introduzidos em 2000, somente em 2006 foram tomadas as primeiras ações para sua implantação em decorrência do surgimento de epidemias de IA em aves domésticas e silvestres, causando pesados prejuízos à indústria avícola de países exportadores da região afetada. Em 2006 disseminou-se para diversos países

dos continentes asiático, europeu, africano e americano. Nesse mesmo ano, a OIE decide realizar projetos-pilotos para frangos de corte e postura comercial. Vários países se candidataram, e o Brasil e Tailândia são selecionados para participarem desse estudo. O projeto é aprovado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e OIE em 2008. Em 2009, iniciam-se as primeiras atividades com colheita e análise de dados, e em 2013 o Projeto de Compartimentação é entregue à OIE. A execução foi conduzida pela OIE, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e por empresas avícolas (Cobb-Vantress, BRF S/A e JBS Foods).



BRF: Lucas do Rio Verde/MT. Sistema vertical integrado de produção de carne de frango  
COBB: São Paulo (Guapiaçu, Paulo de Farias e Palestina), Minas Gerais (Itapagipe e Uberlândia) e Mato Grosso do Sul (Águas Claras). Sistema vertical de produção de material genético (ovos férteis e pintos e um dia)

JBS: Itapiranga/SC. Sistema vertical integrado de produção de carne de frango

**Importância da compartimentação:** facilitará o comércio internacional, pois concederá ao MAPA a inspeção e a auditoria, não podendo o importador exigir além do que pratica habitualmente. Comparativamente aos estabelecimentos não compartimentados, os critérios de biossegurança são mais rigorosos.

A compartimentação permite o comércio de aves e produtos dispensada de auditorias por parte dos interessados importadores. Segundo a OIE, os importadores não podem exigir rigor de medidas de biossegurança além das que praticam. A compartimentação está delineada pela OIE para estabelecimentos de criação pelo fato de deterem subpopulação de aves de *status* sanitário conhecido.

**Entidade responsável pela opção e pela execução de plano de biossegurança:** compete ao estabelecimento de criação de aves, em parceria com o MAPA e associações de classe – e nesse sentido, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) tem sido parceira de vital importância. A execução é responsabilidade da empresa e a auditoria do MAPA.

**Certificação:** é competência do MAPA, por meio do Plano Nacional de Sanidade Avícola (PNSA). A renovação da certificação é anual.

**Situação sanitária dos países importadores:** muito embora a aplicação da compartimentação seja de responsabilidade do(s) estabelecimento(s) privado(s) de criação de aves, sendo a certificação concedida pelo órgão oficial de serviço veterinário, poderá ter ou não, nesse momento, possuir regras para compartimentação. O país importador signatário da OIE possui sistema de quarentena de animais vivos.

**Vantagens do Brasil:** refere-se à vantagem de ter sido selecionado pela OIE para realizar o projeto-piloto para frangos de corte e, assim, ser o primeiro compartimento do mundo a apresentar a chancela da OIE.

**Empresas que participaram do projeto-piloto:** empresa de genética de galinhas pesadas Cobb-Vantress do Brasil – com estabelecimentos de criação em Guapiaçu-SP; Paulo de Faria-SP; Palestina-SP; Água Clara-MS e Uberlândia-MG – recebeu a certificação em 29 de novembro de 2016. Os próximos a receberem serão a BRF-Brasil, de Lucas do Rio Verde-MT, e a JBS-Brasil, de Itapiranga-SC

## BIBLIOGRAFIA

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ANIMAL – OIE. Aplicação de Compartimentação. In: \_\_\_\_\_. **Código Sanitário para os Animais Terrestres**. [S.l.]: OIE, 2016. Capítulo 4.4.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ANIMAL – OIE. Influenza Aviária. In: \_\_\_\_\_. **Código Sanitário para os Animais Terrestres**. [S.l.]: OIE, 2016. Capítulo 10.4.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ANIMAL – OIE. Doença de Newcastle. In: \_\_\_\_\_. **Código Sanitário para os Animais Terrestres**. [S.l.]: OIE, 2016. Capítulo 10.9.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ANIMAL – OIE. **The Practical Application of Compartmentalisation for AI and ND**. [S.l.]: OIE, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ANIMAL – OIE. Checklist on the Practical Application of Compartmentalisation for Avian influenza and Newcastle disease. OIE, 2007. Disponível em: <<http://www.oie.int/doc/ged/d9962.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 21, de 21 de outubro de 2014. Estabelecer as normas técnicas de Certificação Sanitária da Compartimentação da Cadeia Produtiva Avícola das granjas de reprodução, de corte e incubatórios, de galinhas ou perus, para a infecção pelos vírus de influenza aviária – IA e doença de Newcastle – DNC. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 out. 2014. Seção 1, p. 4.

## Observação do Comitê Editorial

No Boletim v. 6, nº 2, 2015, o Prof. Dr. Ariel Mendes, diretor da ABPA, escreveu um extenso artigo sobre Influenza aviária, destacando os perigos sanitários para o Brasil.

# De Olho Na Gramática

Esta nova coluna tem a intenção de esclarecer, de maneira didática, algumas dúvidas a respeito da língua portuguesa.



Renata Carone Sborgia  
Graduada em Direito e Letras,  
Mestra em Psicologia Social pela  
Universidade de São Paulo (USP),  
Especialista em Língua Portuguesa,  
Direito e Gestão Educacional,  
Membro fundadora da Academia de  
Letras, Artes e Música-BA, Membro  
fundadora da Academia de Belas  
Artes-BH, Imortal da Academia  
de Letras do Brasil (ALB), docente,  
escritora, revisora e consultora em

comunicação e literária.

Livros publicados nas searas: Língua Portuguesa, Educação,  
Literatura e Tabagismo.

renatasborgia@gmail.com

*“Um brinde a tudo e a todos que nos rasgam com suas companhias o nosso sorriso! Um brinde para tudo aquilo que nos possibilita a devida leveza na alma! Afinal, brindar é reverenciar o tudo e a todos que nos deixam bem!”*

Renata Carone Sborgia

1. Maria disse que seu “óculos” está quebrado.

Vamos por partes?! Consertaremos o erro da frase!

O correto: Maria disse que **seus óculos estão quebrados**.

Dica fácil: em **linguagem culta formal**, tudo que se refere à palavra “óculos” vai para o plural: “Onde estão meus óculos?”, “Os óculos da Maria estão quebrados”, “Comprei novos óculos”, mesmo que seja um! A palavra é um **pluralício**. Ou seja, um substantivo registrado apenas na **forma plural**. Não há uma variante singular para se referir a um único objeto.

2. Pedro ganhou vários “troféis” na empresa pelo seu desempenho!

Faltou ganhar vários **troféus** no quesito Língua Portuguesa!  
O correto é: **troféus**.

Dica fácil: quando se tem uma **vogal no final da palavra**, acrescenta-se **s** (desinência nominal de número).

Exemplos:

*bacalhau = bacalhaus*

*cama = camas*

*degrau = degraus*

*relógio = relógios*

*troféu = troféus*

*chapéu = chapéus*

O plural de **anel** é **anéis**. A regra é esta:

Quando se tem **l** no final da palavra, precedido de **a, e, o, u (al, el, ol, ul)**, retira-se o **l** e acrescenta-se o **is**.

Exemplos:

*animal → anima = animais*

*anzol → anzo = anzóis*

*papel → pape = papéis*

*pastel → paste = pastéis*

*vogal → voga = vogais*

*anel → ane = anéis*

3. Ela sente muita “saudade” da turma da faculdade!

Não duvidamos do sentimento, mas precisamos fazer a devida correção!

O correto é: **saudades (muitas saudades)**.

Dica fácil: normalmente, substantivos que nomeiam sentimentos não são usados no plural, mas há exceções, como as palavras “saudade”, “felicidade” e “ciúme”. Para empregarmos as formas no plural, é necessário fazer a devida concordância.

Por exemplo:

Eu tenho muitas saudades suas.

Desejo muitas felicidades.

Não consigo controlar os meus ciúmes.

## Para você pensar

*“...eu já quase morri de saudades, amigo. O tempo não foi meu aliado, ao contrário, foi alargando as cicatrizes, abrindo este abismo dentro de mim... quanto mais tempo foi passando mais gente como a gente foi se despedindo de mim. Uns abruptamente. Dói. Saudades doem em mim. Saudades são perversas. Trouxeram-me, serenamente, ternas lembranças, mas não deixaram de me ofertar, do outro lado, uma dor sem anestésicos. Machucaram-me. Tento tomar pílulas diárias de ânimo com doses homeopáticas de conformismo... tento compreender o que as saudades me trazem: incompreensões. Táí, amigo, as saudades me ensinaram que gente se vai de alguma forma, de qualquer forma ou sem forma e traz uma fôrma incômoda dentro de mim. Nada aconchegante para quem precisa de aconchego. Porém, trato as saudades muito bem... Tenho um ritual que te conto: tento ofertar a cada saudades os sentimentos do bem.”*

Renata Carone Sborgia, trecho final da crônica “Saudade”, publicada pela Madras Editora. Direitos reservados.



# INDICAÇÕES PRÊMIOS 2017

*CRMV-SP recebe indicações para prêmios  
nas áreas de Clínica, Cirurgia e Anestesiologia,  
Empreendedorismo e Saúde Pública  
Veterinária até 1º de maio*

*Para mais informações, acesse: [www.crmvsp.gov.br](http://www.crmvsp.gov.br)*

